



ORBIS

Boletim do
LEPEB-UFF



Vol.2 – Nº 6
MAIO-AGOSTO/2024
ISSN: 2965-2235

De Gaza à Beirute: a névoa da guerra paira para além do Oriente Médio

Karime Cheaito*

Para Carl Von Clausewitz (1976), a *névoa da guerra* consiste nas incertezas e imprevisibilidades do campo de batalha. Ao contrário de teóricos da guerra que a pensavam como um fenómeno técnico, previsível e calculável, Clausewitz reforça: a guerra é um fenómeno político, social e composto por incertezas e acasos, que dificultam vislumbrar com clareza o presente e o horizonte. O 07 de outubro de 2023 e seus desdobramentos evidenciam essa máxima. Os ataques do Hamas - grupo político e armado palestino, formado na década de 1980 - a Israel nesta data, que resultaram em 1.139 israelenses mortos e 251 sequestrados, trouxe à luz questões locais, regionais e internacionais que passavam sob o silêncio ou, no mínimo, o desconhecimento. Esta data evidenciou o cerco e as condições subumanas no qual mais de 2 milhões de palestinos em Gaza estavam sujeitos há décadas.

Conhecida como a “maior prisão a céu aberto do mundo” ou o “laboratório”, Gaza é cercada, vigiada, controlada e diariamente violentada com as mais avançadas tecnologias de violência e vigilância produzidas por Israel e exportadas para todo o mundo - inclusive para o Brasil. No Conselho de Direitos Humanos da ONU em Genebra, Francesca Albanese, relatora especial sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos, apresentou em março de 2024 o relatório intitulado “Anatomia de um Genocídio”. Na ocasião, Albanese afirmou: “o genocídio em Gaza é o estágio mais extremo de um longo processo colonial de apagamento dos palestinos nativos” (UN News, 2024).

Existe, nesse sentido, uma dinâmica antes e depois do 07 de outubro de 2023. Esse depois, entretanto, não significa que possamos falar em um pós-07 de outubro, mas no processo que tem se desenvolvido desde esta data. No momento em que este ensaio é escrito, ainda observamos e vivemos a *névoa da guerra*: as incertezas, o acaso e a imprevisibilidade. As possibilidades de futuro estão sobre a mesa. Nesse processo, entretanto, já temos alguns dados: o deslocamento de quase todos os 2,4 milhões de habitantes do território sitiado de Gaza; pelo menos 43 mil mortos por ataques diretos de Israel, incluindo quase 16.765 crianças; mais de 100.544 pessoas feridas; e mais de 10.000 desaparecidos¹ (Al Jazeera, 2024). Khatib, Mckee e Yusuf (2024) estimam que,

¹ Dados de 25 de outubro de 2024.

até meados de junho de 2024, cerca de 186.000 mortes totais podem ser atribuídas ao conflito atual em Gaza, que é aproximadamente 7,9% de sua população². De acordo com Sridhar (2024), se as mortes continuarem nesse ritmo - cerca de 23.000 por mês - haverá mais 149.500 mortes até o final do ano e o total, até dezembro, seria estimado em cerca de 335.500 mortes.

Não podemos ainda falar em um pós-07 de outubro, mas podemos analisar o que ocorria antes e os desdobramentos do último ano. Para isso, a análise será compartimentada em 3 dimensões que, no decorrer do texto, serão investigadas de forma articulada: o nível local, o nível regional e o internacional. O objetivo desse ensaio, desse modo, é refletir sobre o contexto conjuntural que permeou o início do genocídio em Gaza, com enfoque na análise das tentativas israelenses de regionalizar a guerra. Para isso, realizou-se uma investigação inicial da extensão da guerra para o território libanês e as ações do Hezbollah, principalmente após o assassinato do secretário-geral Hassan Nasrallah. Dentro da análise, buscou-se englobar a interlocução entre as dinâmicas e diferentes interesses de atores locais, regionais e internacionais.

Como exposto, para entender a reação do Hamas a Israel, é necessário entender a situação de Gaza antes do dia 07 de outubro de 2023. Como analisado por Santos (2023), em 2005, após a retirada física de Israel de Gaza, conhecida como campanha de “desengajamento”, Israel passou a exercer uma espécie de dominação por controle remoto. Neste tipo de dominação colonial, as redes de infraestrutura se tornaram o principal mecanismo de controle sobre a vida e a morte dos palestinos da região, além da implementação de políticas de “desenvolvimento econômico” e isolamento socioespacial. Essa situação fez com que os palestinos em Gaza fossem constantemente colocados na situação de uma “morte lenta” (Santos, 2023).

Já o contexto israelense pré-07 de outubro precisa ser analisado em âmbito local e regional. No espaço local, há os interesses e o histórico de Benjamin Netanyahu, o político que por mais tempo governou Israel como primeiro-ministro (1996-1999, 2009-2021 e 2022 até hoje). Em 2019, o procurador-geral israelense anunciou que ele seria indiciado formalmente por três casos: fraude, suborno e quebra de confiança. Caso fosse condenado, poderia receber até 10 anos de prisão. Com isso, em 2020 e 2021 manifestações e protestos ganharam força em Israel (Holmes, 2020). Em setembro de 2023, dias antes dos ataques do Hamas, novas manifestações tomaram as ruas israelenses: “A campanha de reforma judicial do governo causou a pior crise política

² Essas mortes totais englobam não apenas os mais de 40 mil mortos diretamente por ataques, mas também aqueles que foram vítimas da fome, da falta de tratamento médico, da escassez de água potável, da ausência de medicamentos.

interna de Israel em anos” (Lubell, 2023). Enquanto isso, a sua política externa buscava uma aproximação com vizinhos árabes. Os Acordos de Abraão, por exemplo, foram assinados em 2020 entre Israel, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Sudão e Marrocos como uma forma de normalização das relações entre esses países e Israel. Momentos antes do 07 de Outubro, estavam em curso as negociações para um acordo entre o governo israelense com um dos atores que se tornaram centrais e, possivelmente, decisivos para a decisão do Hamas: a Arábia Saudita.

Uma outra contextualização aqui se faz necessária. Em Setembro de 2023, em uma reunião na Assembleia Geral das Nações Unidas, Netanyahu apresentou um mapa intitulado “O Novo Oriente Médio”, o qual apresentava Israel, sem delineamentos dos territórios de Gaza e Cisjordânia; o Egito; Arábia Saudita; Bahrein e Emirados Árabes Unidos. Embora a normalização com a Arábia Saudita ainda não tivesse sido assinada, as negociações em curso foram elogiadas pelo primeiro-ministro israelense. Após apresentar esse mapa, Netanyahu também abordou sobre um corredor que se estenderia pela Península Arábica e Israel, conectando a Índia à Europa (UN News, 2023).

Este corredor trata-se do Corredor Econômico Índia-Oriente Médio-Europa (IMEC). Após meses de negociações envolvendo líderes como o presidente dos EUA, o primeiro-ministro indiano e o príncipe herdeiro saudita, Mohammed Bin Salman, o corredor supostamente incluiria cabos submarinos, infraestrutura de transporte de energia e sistemas ferroviários que conectariam a Índia à Europa, passando pelo Oriente Médio. No entanto, um dos objetivos políticos do IMEC e de seus idealizadores era, previsivelmente, confrontar a Iniciativa do Cinturão e Rota, conhecida como a “nova rota da seda” da China. A iniciativa chinesa trilionária começou com fortes investimentos estatais em infraestrutura no exterior e fez com que esse país e seus aliados exercessem, principalmente no âmbito econômico, influência significativa no Oriente Médio (BBC, 2023).

Para a concretização do IMEC, o acordo de normalização com a Arábia Saudita era fundamental. Contudo, quando o Hamas realizou os ataques em 07 de Outubro, a Arábia Saudita recuou, interrompeu as negociações em andamento com Israel e afirmou que a criação de um Estado palestino era central para que os acordos voltassem a ser discutidos (BBC, 2024). A partir desses pontos e dos atores envolvidos nesses processos, observamos os motivos os quais levaram Gaza a se tornar foco da atenção mundial e, em especial, das grandes potências.

Com os ataques do Hamas, não demorou para que o governo de Netanyahu iniciasse a ofensiva militar à Gaza, inicialmente com ataques aéreos massivos e, em um

segundo momento, combinado com as invasões terrestres. Israel buscou justificar o genocídio e a destruição indiscriminada do espaço urbano palestino em Gaza “(...) a partir do objetivo de eliminar ‘infraestruturas terroristas’” (Huberman; Santos; Nasser, 2024, p. 265).

Em 08 de Outubro, o Hezbollah³ - partido político e grupo armado libanês - realizou um ataque às Fazendas de Shebaa⁴ (Reuters, 2023). A partir desse momento, os temores por uma regionalização do conflito se alastraram. O Hezbollah se posicionou como uma “frente de apoio” - não de guerra - à Gaza, devido: 1) o compromisso da organização com a luta palestina desde sua fundação, presente em seus manifestos oficiais de 1985 e 2009 (embora em menor grau neste último); 2) a popularidade que a questão palestina tem entre parcela expressiva dos libaneses, principalmente na sua base de apoiadores; 3) o fato do Hezbollah e do Hamas pertencerem a uma mesma aliança regional, chamada de Eixo da Resistência⁵ que, de acordo com Amal Saad (2024), tem se transformado em uma coligação em tempos de guerra desde os combates contra o Estado Islâmico na Síria e no Iraque. A estratégia inicial do Hezbollah, nesse sentido, seria se envolver em uma guerra limitada com Israel para forçar os civis israelenses a evacuarem o Norte e, conseqüentemente, aumentar a pressão sobre o governo de Netanyahu para um cessar-fogo em Gaza que atendesse às demandas do Hamas, especificamente a libertação de prisioneiros palestinos mantidos por Israel.

No entanto, os motivos que levaram o Hezbollah a ser contrário a uma nova frente de guerra eram diversos, especialmente em relação ao seu ambiente doméstico. O Líbano vivencia uma crise econômica e política sem precedentes, que atingiu seu auge em 2019 e, desde então, não conseguiu nenhuma estabilidade (Majed; Salman, 2019). Além disso, o confronto entre o Hezbollah e o governo libanês em uma disputa política em 2008 - que resultou no Acordo de Doha - e sua participação armada na guerra da Síria, iniciada em 2011, gerou embates internos protagonizados, principalmente, por seus opositores políticos, que passaram a criticar seu braço armado e reivindicar seu desarmamento. Temendo, dessa forma, que uma guerra pudesse não apenas agravar a situação econômica e política do Líbano, mas também mobilizar essa oposição, durante meses o Hezbollah deu sinais de que não buscava uma escalada.

O objetivo de se evitar uma expansão da guerra era também um desejo do principal aliado regional do Hezbollah, o Irã. Na ocasião, o governo iraniano evitara uma escalada regional desde o assassinato de Ismail Haniyeh - liderança política do

³ A história da formação e atuação do Hezbollah em território libanês foi descrita em Cheaito (2023).

⁴ Parte do território libanês que, desde 1967, está ocupado por bases militares israelenses.

⁵ Sobre o Eixo da Resistência e a atuação do Hezbollah dentro da aliança, ver Cheaito (2024).

Hamas - em seu território, já que um confronto direto entre Irã e Israel poderia levar a uma intervenção militar direta dos Estados Unidos na região para proteger seu aliado israelense. A estratégia iraniana desde o dia 07 de Outubro, desse modo, pode ser observada através do suporte dado aos seus aliados regionais sem envolvimento direto no conflito, que poderia prejudicar suas futuras negociações com os EUA em relação às questões nucleares e às sanções - pautas estas que fizeram parte da campanha do atual presidente Masoud Pezeshkian (Agostinelli *et al*, 2024). Com isso, o Hezbollah optou, em diálogo com seu aliado iraniano, por seguir as “regras de engajamento” e, com exceção de momentos pontuais, centrar os ataques na região fronteiriça, de modo calculado e moderado, com foco especificamente nas bases e estruturas militares. Essa dinâmica se manteve até Setembro de 2024.

Do lado israelense, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu enfrentava um dilema interno: após 11 meses de uma campanha militar mortífera e genocida no enclave, seus dois principais objetivos anunciados em Gaza, notadamente a destruição do Hamas e o resgate dos reféns israelenses, não foram alcançados. Pressionado internamente, não tardou para que buscasse outros pretextos para manter seu país em guerra. Em Setembro de 2024, o foco dos discursos oficiais em Israel passou de Gaza para o Norte, sob a narrativa de que os 60 mil israelenses que haviam sido deslocados em decorrência dos ataques do Hezbollah deveriam retornar. Para isso, o Hezbollah deveria ser removido do Sul libanês e enfraquecido militarmente. Oficialmente, Israel quer estabelecer uma “zona tampão” de 10 km, com 7 km mantidos pelas Forças Armadas Libanesas e 3 km pelo exército israelense (Nashed, 2024). A decisão pelo início de uma ofensiva contra o Líbano tornou-se questão de tempo e foi, rapidamente, aplaudida pela população israelense (Le Monde, 2024).

A realidade é que uma nova guerra entre Hezbollah e Israel era previsível e, até, esperada. Ghassan Salamé⁶ afirmou que “o Estado-Maior israelense sempre considerou que uma nova guerra com o Hezbollah era inevitável, uma vez que o conflito de 2006⁷ teve um resultado ambíguo” (L’Orient le Jour, 2024). Joseph Daher, em entrevista concedida ao *Jacobin*, afirmou que Israel não conseguiu atingir naquela ocasião o seu objetivo, que era enfraquecer significativamente o Hezbollah (Daher; Oduor; Dobke, 2024). Os seus sucessos táticos, desse modo, não significaram uma vitória estratégica e política. Os objetivos do Hezbollah naquele momento eram mais modestos: não deixar

⁶ Ghassan Salamé é um acadêmico, político e diplomata libanês. Ele serviu como Ministro da Cultura libanês de 2000 a 2003. Além disso, ele fundou o Reitor da Escola de Relações Internacionais de Paris (PSIA) e foi professor emérito de Relações Internacionais na Sciences Po.

⁷ Sobre a guerra em 2006 entre Hezbollah e Israel, ver Cheaito e Violante (2023)

com que Israel atingisse seus objetivos. Desse modo, o resultado final foi identificado como positivo para a organização e lhe deu credibilidade interna e regional. A guerra se encerrou com uma resolução de cessar-fogo (a Resolução 1701) e, nos anos seguintes, ambos se aprimoraram e começaram a se preparar para um novo confronto. Essa preparação se evidenciou a partir do dia 08 de Outubro e, de forma ainda mais clara, a partir de Setembro de 2024.

A forma como Israel conseguiu se infiltrar - direta e indiretamente - no território libanês, mapear as redes de comunicação do Hezbollah e seus centros de comando e controle, sistematizar e monitorar seus principais comandantes e lideranças, explicita como, desde 2006, as forças israelenses e o Mossad - sua Inteligência - estão se preparando para essa guerra. Esse monitoramento era evidente visto que, de 2006 a 2023, o espaço aéreo libanês foi cotidianamente invadido por drones e aviões israelenses. A explosão de paggers e dos walkie-talkies em 17 e 18 de setembro tornou-se, então, um marco na mudança das regras de engajamento presentes até então. A “frente de apoio” inicialmente declarada pelo Hezbollah e suas tentativas de evitar a escalada para o interior do território libanês entrou em confronto com os objetivos israelenses de escalar e, possivelmente, regionalizar a guerra.

Os ataques a um dos sistemas de comunicação utilizados pelo Hezbollah - que, vale destacar, eram utilizados tanto por combatentes como por civis que trabalham nas instituições sociais administrados pela organização - foi seguido pelo início de ataques aéreos massivos no sul do Líbano, na região do Bekaa e no subúrbio sul de Beirute, região conhecida como Dahiya. Essa operação israelense, denominada de “Flechas do Norte”, resultou, no dia 27 de Setembro no lançamento de bombas de “destruição de bunkers”, que destruiu cerca de seis prédios e assassinou o secretário-geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah. As bombas utilizadas, segundo especialistas, vieram dos EUA (Al Jazeera, 2024). Embora não de forma declarada, o envolvimento dos EUA já era indiscutível: de um lado, falava no púlpito sobre a necessidade de um cessar-fogo; de outro, armava e financiava Israel.

No dia 02 de Outubro, Israel declarou o início da operação terrestre no Líbano. Existiam especulações sobre se essa invasão pelo terreno de fato aconteceria e, caso ocorresse, como se daria o confronto com o Hezbollah. Essas expectativas foram geradas pela análise histórica: nos dois momentos em que Hezbollah e Israel se confrontaram diretamente (1982-2000 e 2006), embora as forças israelenses obtivessem vantagens com os ataques aéreos, no campo terrestre o Hezbollah, formado a partir das táticas de guerrilha, obtinha vantagens, devido sua forma de atuação e o conhecimento do terreno.

Contudo, havia a questão: após os ataques a sua rede de comunicação, o assassinato do seu secretário-geral e a morte de quase todo o alto comando em poucos dias, o quão enfraquecido o Hezbollah estava? Conseguiria reagir e resistir a uma invasão israelense?

Sobre o assassinato de lideranças, é preciso ressaltar: todos que compõem organizações como o Hezbollah, incluindo líderes e comandantes, são passíveis de serem rapidamente substituídos caso sejam mortos. O Hezbollah é estruturado de modo que sua existência e capacidade de atuação não dependa de uma pessoa. Além disso, desde 2006 o Hezbollah aumentou seu número de combatentes de cerca de 5.000 para entre 20.000 a 30.000, sem contabilizar os que estão na reserva. Sua unidade de forças especiais, a Radwan, tem 3.000 soldados que são treinados especificamente para operar no Sul (Gatopoulos, 2024).

A partir do momento em que Israel invadiu por terra, tornou-se evidente que, apesar dos ataques, das mortes e dos danos à organização, ela não estava paralisada. Rapidamente o seu comando militar foi recomposto e reestruturado. A operação militar realizada pelo Hezbollah após o assassinato do seu secretário-geral foi denominada de Operação Khaybar⁸. Para além de drones e armamentos moderados, a organização passou a utilizar mísseis de longo alcance e mísseis guiados de precisão que, de modo combinado com os drones, têm gerado a sobrecarga do sistema de defesa de Israel. Por dia, o Hezbollah tem lançado de 100 a 200 foguetes e/ou mísseis tanto ao Norte, como em cidades mais distantes da fronteira, como Haifa e Tel Aviv.

Acredita-se que o Irã tenha desempenhado um papel central nessa rápida recomposição da organização. Em discurso após a morte de Nasrallah, o líder supremo iraniano enfatizou que as frentes travadas contra Israel eram, também, sua responsabilidade, visto que os ataques israelenses e dos EUA visavam seus aliados do Eixo da Resistência. Em entrevista concedida à CNN no dia 28 de Setembro, o pesquisador Trita Parsi afirmou: “Se ficar claro (para o Irã) que o Hezbollah não pode se defender (...) então a justificativa iraniana para ficar fora da guerra entrou em colapso. (...) Nesse ponto, a credibilidade do Irã com o resto de seus parceiros no Eixo correrá o risco de entrar em colapso se Teerã não reagir”.

Por isso, o Irã reagiu e lançou pelo menos 180 mísseis balísticos ao território israelense. A resposta realizada por Teerã enviou mensagens para as diferentes partes envolvidas: aos israelenses; aos EUA; aos seus aliados do Eixo da Resistência; e ao seu público interno. O fato do Hezbollah ter reorganizado seu braço armado rapidamente e

⁸ A batalha de Khaybar ocorreu em 628 e se caracterizou pelo confronto entre o profeta Mohammed e os seus companheiros contra uma comunidade judaica estabelecida no oásis com o mesmo nome, no noroeste do que hoje é a Arábia Saudita.

estar enfrentando não apenas a invasão israelense mas, também, realizando ataques massivos e diários dentro de Israel, evidenciou dois pontos: 1) que a organização sobreviveu aos duros ataques sofridos; e 2) o Irã permanece atento ao seu principal aliado regional. Atentos também estão os EUA e Israel, principalmente em relação a outro ator internacional que tem gerado preocupações: a Rússia. Bhadrakumar (2024) afirma: “Há indícios claros de que Moscou está apoiando Teerã – e de que ambos firmarão, em breve, um pacto de defesa mútua”.

Assim como Israel, o Hezbollah também se aperfeiçoou. A organização expandiu seus propósitos e suas agendas para além de uma força de resistência à invasão israelense. Diferente de 1982 e 2006, agora o Hezbollah não apenas atua contra uma ocupação, mas age para evitar uma ocupação e impedir que o governo israelense atinja seus objetivos, principalmente concernente ao retorno da população israelense do Norte. As estratégias e as táticas, dessa forma, embora semelhantes, possuem diferenças que são centrais para se compreender os novos objetivos da organização: em vez de esperar que os soldados israelenses entrem no território libanês, o Hezbollah intensificou os ataques ao território israelense e tornou-se mais agressivo antes que as forças militares tentem entrar. As forças israelenses que entraram no território libanês, não conseguiram avançar mais que 1,5 km.

Observa-se que a estratégia israelense também mudou: diferente de 2006, o governo israelense não anuncia mais o objetivo de “acabar com o Hezbollah”. Um dos aprendizados que Israel teve após 2006 é que, militarmente, não irá destruir ou acabar com a organização. Por esse motivo, apesar de ter atacado regiões que, historicamente, não possuem apoiadores do Hezbollah, os principais alvos dos ataques e destruição israelense têm sido vilas e cidades compostas, majoritariamente, pela comunidade xiitas. Em pesquisa publicada no *Foreign Affairs*, 30% dos libaneses entrevistados afirmam ter “muita ou bastante confiança no Hezbollah”. Desta percentagem, 85% são xiitas, destacando a importância desta organização principalmente para esta comunidade, que historicamente foi negligenciada pelo Estado libanês e que depende das instituições sociais administradas pelo Hezbollah - e que também se tornaram alvo de Israel.

A pesquisadora Amal Saad, em uma postagem na rede X⁹, destacou a recente preocupação de que os xiitas no Líbano se tornem o foco da limpeza étnica do regime sionista, assim como os palestinos se tornaram em Gaza. Dentro dessa estratégia, poderia estar o objetivo de se alterar o cenário demográfico libanês onde, no projeto de “Novo

⁹ Disponível em: https://x.com/amalsaad_lb/status/1851705728421216475?t=Ob-0UmFzxf77cPeEZvX8Q&s=19. Acesso em: 01 nov. 2024.

Oriente Médio” apresentado por Netanyahu, os xiitas não teriam lugar. A campanha militar de Israel de expulsar famílias xiitas de suas casas e forçá-las a se deslocarem para áreas predominantemente cristãs e sunitas, têm aumentado os temores de violência intercomunitária já que, independentemente de onde essas famílias estejam, elas serão os alvos potenciais. Netanyahu explicitou esse objetivo ao direcionar para o público libanês seu apelo: o povo libanês precisa se levantar contra o Hezbollah (e, conseqüentemente, contra seus apoiadores).

Os objetivos com essa série de ataques, desse modo, não é enfraquecer militarmente o Hezbollah, mas tentar fortalecer os seus opositores, enfraquecer os seus apoiadores e aumentar a pressão social para afetar a sua legitimidade e seu reconhecimento internos, que garantem seu poderio e sua existência. Atacar civis e, especificamente, xiitas, não é um “efeito colateral” dos ataques contra infraestruturas do Hezbollah: é parte da estratégia israelense e, dentro desta estratégia, todos são passíveis de serem alvos.

Embora 2006 tenha sido uma guerra em grande escala e com destruição massiva em cidades libanesas, o Hezbollah está enfrentando seu maior desafio desde sua fundação, com os assassinatos de importantes líderes militares e políticos, incluindo Nasrallah, que governou o partido por 32 anos, e o temor de que uma tensão interna, entre diferentes grupos da sociedade civil, possa eclodir. No entanto, tem se tornado evidente que a organização ainda continua sendo um ator político central no Líbano (participando, indiretamente, das negociações para um cessar-fogo) e com fortes capacidades militares. Sua legitimidade e popularidade no interior libanês, entretanto, depende dos resultados finais dessa guerra. Dificilmente seus apoiadores sairão dessa base de apoio. A questão se volta, então, para o quão fortalecidos ou enfraquecidos os seus opositores estarão.

A partir do exposto, torna-se mais claro como um genocídio iniciado em um pequeno pedaço de terra chamado Gaza tem mobilizado e envolvido, em diferentes graus, potências regionais e internacionais. Entender a névoa da guerra que paira sobre Gaza e Beirute precisa perpassar por esses três espaços: o local, o regional e o internacional. Não é possível pensarmos na ordem regional sem considerar a ordem internacional. A história evidencia como o Oriente Médio e as dinâmicas internacionais se confundem constante e dialeticamente. Em outras palavras, uma nova ordem ou a crise da ordem regional, seria, também, uma nova ordem ou a crise da ordem internacional - e vice-versa. A diplomacia tem evidenciado seus limites e falhas - assim como as organizações internacionais - e o nevoeiro da guerra obscurece mais do que nunca o horizonte. O que temos, de concreto, são os dados: mais de 186.000 mil mortos em Gaza e mais de 2 milhões de deslocados; cerca de 3 mil mortos no Líbano e em torno de 2 milhões de

deslocados. Se há, desse modo, uma ordem em crise ou sendo gestada, esta se dá de forma lenta e dolorosa.

Referências

AGOSTINELLI, Isabela; COSTA, Eduardo; VALDISSERRA, Mariana; CAVANI, Vitor. “Think tank” americano discute perspectivas de política externa do novo presidente do Irã. Observatório Político dos Estados Unidos - OPEU, 2024. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2024/07/22/think-tank-americano-discute-perspectivas-de-politica-externa/>. Acesso em: 29 out. 2024.

AL JAZEERA. Israel likely used US-made bombs in Nasrallah assassination: Report. Al Jazeera, 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/9/29/israel-likely-used-us-made-bombs-in-nasrallah-assassination-report>. Acesso em: 30 out. 2024.

BBC. China: a nova rota da seda que o país quer construir vale o investimento trilionário? BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmj544lg205o>. Acesso em: 26 out. 2024.

BBC. Saudi Arabia interested in Israel normalisation deal after war. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67922238>. Acesso em: 26 out. 2024.

BHADRAKUMAR, M. K. Israel x Irã: a Rússia entrou no jogo. OUTRAS PALAVRAS, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerre/israel-x-ira-a-russia-entrou-no-jogo/>. Acesso em: 31 out. 2024.

CHEAITO, Karime. Sem cessar-fogo, sem negociação: a atuação do Eixo da Resistência após o 07 de Outubro. ERIS, 2024. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/sem-cessar-fogo-sem-negociacao-a-atuacao-do-eixo-da-resistencia-apos-o-07-de-outubro/>. Acesso em: 26 out. 2024.

CHEAITO, Karime Ahmad Borrasci. O Processo de Designação do Hezbollah como Organização Terrorista pelos Estados Unidos da América: Acusações, Contradições e Consequências (1985-2006). Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança) – Instituto de Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2023. 169 p.

CLAUSEWITZ, Carl von. On War. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1976.

CNN. Iran weighs next move as Nasrallah warns of regional escalation. 2024. Disponível

em: <https://edition.cnn.com/2024/09/28/middleeast/iran-weighs-next-move-nasrallah-hezbollah-intl-cmd/index.html>. Acesso em: 31 out. 2024.

DAHER, Joseph; ODUOR, John; DOBKE, Estudio Dos Rios +. Onde o mundo vê crise, Israel vê oportunidade. Jacobin Brasil. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/10/onde-o-mundo-ve-crise-israel-ve-oportunidade/>. Acesso em: 27 out. 2024.

HOLMES, Oliver. Thousands demonstrate against Netanyahu as Israel protests gain strength. The Guardian, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/aug/02/thousands-demonstrate-against-netanyahu-as-israel-protests-gain-strength>. Acesso em: 26 out. 2024.

HUBERMAN, Bruno; SANTOS, Isabela Agostinelli dos; NASSER, Reginaldo Mattar. Guerra Global ao Terror: o “urbicídio” no centro da aliança EUA-Israel. Tensões Mundiais, v. 20, n. 42, p. 263–285, 2024.

KHATIB, Rasha; MCKEE, Martin; YUSUF, Salim. Counting the dead in Gaza: difficult but essential. The Lancet, v. 404, n. 10449, p. 237–238, 2024.

L'ORIENT LE JOUR. Ghassan Salamé : Au Liban, l'appétit israélien peut venir en mangeant. 2024. Disponível em: <https://www.lorientlejour.com/article/1430669/ghassan-salame-au-liban-lappetit-israelien-peut-venir-en-mangeant-1.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

LE MONDE. Displaced Israelis in Jerusalem applaud ongoing offensive in Lebanon. 2024. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2024/09/27/displaced-israelis-in-jerusalem-applaud-ongoing-offensive-in-lebanon_6727481_4.html. Acesso em: 26 out. 2024.

LUBELL, Maayan. Protests grip Israel ahead of historic Supreme Court session. Reuters, 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israel-edge-ahead-supreme-court-session-judicial-overhaul-2023-09-11/>. Acesso em: 26 out. 2024.

MAJED, Rima; SALMAN, Lana. Lebanon's Thawra. Relatório do Oriente Médio, n. 292/3, outono/inverno 2019. Disponível em: <https://merip.org/2019/12/lebanons-thawra/>. Acesso em: 26 out. 2024.

NASHED, Mat. How Israel is trying to generate civil strife in Lebanon. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2024/10/19/how-israel-is-trying->

to-generate-civil-strife-in-lebanon. Acesso em: 30 out. 2024.

REUTERS. Israel, Hezbollah exchange artillery, rocket fire. Reuters, 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israel-strikes-lebanon-after-hezbollah-hits-shebaa-farms-2023-10-08/>. Acesso em: 26 out. 2024.

ROCHE, Mary Clare; ROBBINS, Michael. What the Lebanese People Really Think of Hezbollah. Foreign Affairs, 2024. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/lebanon/what-lebanese-people-really-think-hezbollah>.

SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa San Tiago Dantas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

SAAD, Amal. The Houthis are not a group that can be bombed into extinction – here’s why. The Guardian, 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/jan/23/houthis-hamas-israel-iran-axis-resistance>. Acesso em: 31 out. 2024.

SRIDHAR, Devi. Scientists are closing in on the true, horrifying scale of death and disease in Gaza. The Guardian, 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/article/2024/sep/05/scientists-death-disease-gaza-polio-vaccinations-israel>. Acesso em: 25 out. 2024.

UN NEWS. Rights expert finds ‘reasonable grounds’ genocide is being committed in Gaza. UN News. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2024/03/1147976>. Acesso em: 24 out. 2024.

UN NEWS. Israel on the cusp of historic peace with Saudi Arabia, Netanyahu announces at UN. UN News. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2023/09/1141302>. Acesso em: 26 out. 2024.

*Mestra em Estudos Estratégicos (PPGEST-UFF) e Doutoranda em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP-UNICAMP-PUC/SP). E-mail: karimecheaito@id.uff.br.